

# Ministra venezuelana negocia dívida

## *Eglee exige dos bancos redução inédita da dívida*

**C**ARACAS — Pequena, cabelos grisalhos e vestida de luto, Eglee Iturbe de Blanco parece uma dona de casa, como tantas da classe média latino-americana. Mas, basta que ela comece a falar, com jeito suave, para que as semelhanças terminem. Negociadora hábil e economista aplicada, a nova ministra da Fazenda — provavelmente a primeira mulher a ocupar esse cargo num país da América Latina — torna-se incisiva ao revelar que seu governo está exigindo dos bancos credores, em Nova Iorque, não apenas um acordo de reescalonamento, mas um inédito esquema de “substancial redução” do estoque da dívida externa.

“Não é possível continuar pagando a dívida nas atuais condições. Os títulos de nossa dívida já são negociados no mercado secundário a 20 centavos por dólar — um desconto de 80%. Queremos reestruturação da dívida, mas não apenas o que o Brasil, o México e outros países devedores conseguiram. A Venezuela quer uma substancial redução da dívida”, disse a ministra, numa entrevista ao **JORNAL DO BRASIL**.

Com duas filhinhas, uma de seis anos e outra de dois, Eglee Iturbe ficou viúva no dia 23 de fevereiro. Não teve, porém, muito tempo para chorar a morte do marido, vítima de infarto. Dois dias depois, vestida de luto — que respeita até hoje — a ministra embarcou para Washington, chefiando a missão que foi negociar com o Fundo Monetário Internacional (FMI) os termos de uma carta de intenção. Mal

assinou o documento, que contém as linhas gerais de um programa de austeridade, teve de deixar o prédio do Fundo e tomar um avião da Força Aérea, que o presidente Andrés Pérez mandara a Washington para buscá-la com urgência. O país estava em estado de emergência, diante das desordens de rua e saques do comércio, em protesto contra um dos primeiros efeitos do programa de austeridade: o aumento das passagens dos ônibus.

A ministra não admite, porém, que os protestos populares, que resultaram em centenas de mortos e feridos, tenham sido contra a nova política econômica. “O que aconteceu na semana passada não foi, fundamentalmente, contra o pacote de ajustamento. Já havia no país um acúmulo de insatisfação social e o detonante foi o abuso dos donos de ônibus, que tentaram cobrar um aumento dos preços das passagens muito maior do que o reajuste autorizado”, argumenta Eglee Iturbe.

Na frente econômica interna, ela admite que o principal impacto econômico da rebelião popular da semana passada será uma ênfase maior no pacote social, que tem de acompanhar as medidas puramente técnicas de reajustamento. “A explosão social nos mostrou, de certa maneira, a capacidade da economia e da sociedade para absorver as medidas. O nosso programa, porém, continua sendo aquele que firmamos com o FMI”, disse a ministra.

“Eu sei que ninguém conseguiu ainda uma redução substancial da dívida. Mas sei que temos que insistir nisso, pois achamos que chegou a hora”, disse a ministra. Ela revelou que a Venezuela pediu ao FMI dois créditos. O primeiro é um desembolso rápido de US\$ 350 milhões, por queda nas exportações, que deverá ser aprovado no início de abril pela diretoria da instituição. O segundo crédito que o

Fundo está analisando é o chamado acordo ampliado, um programa de três anos que permitiria à Venezuela receber US\$ 450 milhões também em abril e mais US\$ 1 bilhão até o final do ano. Em 1990, o país receberia cerca de US\$ 1,2 bilhão e em 1991 aproximadamente US\$ 1,5 bilhão.

Dos bancos comerciais, aos quais tem que pagar este ano cerca de US\$ 4 bilhões, a Venezuela espera receber US\$ 2 bilhões em novos créditos. Os negociadores venezuelanos, porém, estão exigindo uma antecipação, para já, de US\$ 600 milhões, devido à drástica queda das reservas internacionais disponíveis do país. (R.C.A.)

☐ O presidente Carlos Andrés Pérez revelou que o presidente José Sarney tinha alertado George Bush, dias atrás, sobre a iminência de problemas sociais na América Latina, como as desordens que ocorreram na semana passada na Venezuela. Pérez disse que tinha escrito uma carta para o presidente Bush, fazendo novas propostas, as quais não revelou, sobre a questão da dívida externa, mas que o documento só chegou à sua mesa para assinatura na segunda-feira da semana passada, quando seu país mergulhava em sangrentos distúrbios de rua. Ele deixou para assinar a carta na quarta e acabou colocando um P.S. dizendo a Bush que parecia uma premonição o que redigira antes, devido à explosão social no país. Quando acabava de escrever isso recebeu um telefonema do presidente José Sarney, que lhe contou a conversa com Bush.